

## *Ler como quem joga - escrever como quem pinta*

O Plano Nacional de Leitura, a Editora LeYa, a Rede de Bibliotecas Escolares, o Camões IP e a DGAE/DSEPE lançaram um novo desafio de leitura e escrita que abraçámos no 8ºA, convictos de que seria um desafio.

O projeto intitulado *Ler como quem joga - escrever como quem pinta* convidou-nos a ler a obra de Mia Couto *Cada Homem é uma Raça* e a realizar o registo de leituras “como se fosse um diário”, incentivando assim a reflexão crítica, pessoal e social que o texto exigia.



“Mia Couto nasceu em Moçambique, em 1955. Escreve com base na vida quotidiana, mistura o português culto com palavras do dialeto da população local. Inspira-se para as suas personagens em pessoas que encontra no seu dia-a-dia.”

David V.



“Mia Couto explica como surgiu a ideia de querer ser poeta... ele teve esta ideia aos 14 anos, quando o seu pai publicou um poema seu, sem autorização. Na altura, Mia Couto ficou irritado, só mais tarde percebeu que escrevia não só para ele, mas para todas as pessoas”.

Filipa F.

“ [O autor] Indica que todos os amigos adultos que apareciam lá em casa eram poetas e ele achava que assim, quando crescesse, também ficaria poeta.”

Ana Rita C.



## Divagações diarísticas

“Estou sentado à *minha secretária* com o computador à frente, quando me passa pela cabeça uma ideia para um texto. (...) A minha ideia, embora não faça sentido, consiste em tentar definir qual o estilo ou a função de estilos de música que ouço. Ora, isto só faz sentido se o “estilo mãe” se dividir em subgéneros, mas, como que por acaso, para mim divide-se. (...)”

Guilherme F.

“Hoje é 14 de abril e tenho teste amanhã. Eu deveria estar a estudar visto que são oito da noite e mal estudei, mas quase que já sei tudo. (...) Bateu-me aquela vontade de escrever, mas nem ideias tenho. Acho que isto é apenas uma maneira de deixar os meus pensamentos relatados, para não ter de dizê-los em voz alta ou deixá-los trancados numa caixa. Eu deveria criar uma situação agora mesmo. Pensa rápido! Ok, está feito! E agora começa a história...”

Catarina Q.

“Desrespeitei a regra das palavras, pois entusiasmei-me a escrever 😊”

Luísa L.

“Era uma vez um rapaz que não tinha ideias para escrever. Pensou um bom bocado e, finalmente, teve uma ideia: ia escrever sobre o facto de ter escrito um texto a dizer que não lhe apetecia escrever.

Então é assim: Ele tinha escrito um texto a dizer que não lhe apetecia *ortografar*. Esse texto foi corrigido pela professora, que lhe deu, pelo menos um Bom (espero). Mais tarde, esse texto foi publicado na Gazeta. Toda a gente o leu. Mas esse é que foi o grande erro. Nem toda a gente o deveria ter lido. É que agora a ninguém lhe apetece escrever. E isso foi uma catástrofe textual. Agora os escritores de renome já não escreviam. Simplesmente diziam “não me apetece”. (...)”

Guilherme F.

(Texto livre)

## Continuar histórias, recriar histórias...

“Nasci pequeno, mais pequeno que humano. Era peludo e não sabia nada do mundo”

Catarina Q.

(texto livre)

“Todos conhecemos a história do Toy Story e as estátuas funcionam mais ou menos assim. E aquelas estátuas não eram diferentes. Todas as noites se reuniam para pôr a conversa em dia.”

Iara P.

(A partir do conto *A Rosa Caramela*)

“Rosalinda, mulher sem autoestima. Desde que ficara sem o marido consolava-se no comer. Desleixou-se dela própria. Mulher que não se ama não é de facto mulher”

Iara P.

(A partir do conto *Rosalinda, a nenhuma*)

Eram nove da manhã, tinha acordado no barco, com frio. A fome atacava, não tinha forma de contra-atacar. Com a falta de comida vinha a falta de juízo. Passou-me pela cabeça arrancar o meu olho para usar como isco.

Diogo I. (A partir do conto *O Pescador Cego*)

“Cada vez que Rosa se aproximava sentia um coração rochoso, quente, que batia, na verdade, era só uma estátua imóvel, mas Rosa não vive com os olhos nem com as mãos, vive com a mente e o coração, chamam-na de louca, loucos são eles que não se deixam enlouquecer pela loucura da vida”.

Rita C.

(A partir do conto *A Rosa Caramela*)

“Todos nós estávamos maravilhados, até a própria Rosa esboçou um sorriso”.

Francisco N., texto final do diário

“Estava escuro, ela não conseguia ver a quem pertencia a boca que ultimamente tantas vezes a beijara”

Mariana

(A partir do conto *O ex-futuro padre e a sua pré-viúva*)

“Não me consigo imaginar de todo no seu lugar [da princesa]. Eu, sozinha em casa, casada com um homem de quem não gosto. Acho que vou fazer o desafio de reescrever o texto, mas serei eu a princesa...talvez assim possa entendê-la melhor”

Inês C. (a propósito do conto *A princesa russa*)

## Reflexões Críticas

“A meu ver, estes julgamentos apenas pela cor da pele são errados, a pigmentação da derme não faz de cada um de nós mais ou menos pessoa”.

Rita C.

“Nos contos o escritor junta narração, poesia... gostei de ler o livro, deu-me vontade de ler mais e de escrever”

Leriana S.

“Neste conto podemos ver que existe uma difícil relação entre os colonos brancos e o vendedor de pássaros negro. Os colonos brancos não queriam o vendedor de pássaros perto deles, só porque ele era de outra cor. As únicas pessoas que queriam saber dele eram as crianças.”

David X. (a propósito do conto *O embondeiro que sonhava pássaros*)

“Este livro fez-me emocionar muitas vezes. Para quem não gosta de ler, este livro faz-vos pensar melhor na vida e nas suas peripécias.”

Catarina R.

“À volta, ao ouvirem os gritos de desespero, alguns sentiram pena, mas a maioria riu-se e gozou com ela”

Rodrigo Barrote,

(A partir do conto *A Rosa Caramela*)

“Quando estava a sair do bairro de Zabelani, ouvi alguém a chamar por mim. Olhei em volta, só via *pessoas em branco*. Até que uma se destacou. Estava vestida de azul. Tinha um cabelo encaracolado, castanho claro. Aquela rapariga não me era estranha. Parecia a Zabelani.”

Raquel S., (A partir do conto *O apocalipse privado do tio Geguê*)

“Nota de leitura: Na página 69 há um excerto de um relatório, assim que o vi despertou-me a atenção, pois achei curioso ver o que os estrangeiros pensam de Portugal”

Ricardo N.

“Tiago estava dentro de uma gaiola para pássaros do tamanho dele. Passados alguns dias dentro dela começou a ganhar características físicas de um pássaro, penugem, asas e um bico. Quando acabou o processo de transformação transformara-se num pássaro e esquecera-se de tudo. Passou a ser um pássaro para um próximo passarinho.”

Rodrigo Barbosa

(A partir do conto *O embondeiro que sonhava pássaros*)

## Conclusões



“Depois comecei a sentir uma espécie de desprezo pelo narrador”

Inês C. (comentário ao conto *A princesa russa*)

“Considero muito importante Mia Couto falar deste tema [do racismo] com tanta naturalidade. Penso que o objetivo é fazer com que o leitor entenda o quão ridículo isto é.”

Mariana F.

“Foi, definitivamente, uma experiência satisfatória. Não pensei que um livro assim me agradasse tanto. (...) Não li todos os contos, saltei três, mas posso dizer que é um dos melhores livros de contos que já li (continuo a preferir os contos de Eça de Queirós).”

Catarina Q.

“Achei muito interessante quando Mia Couto utilizava a economia de palavras, juntando duas palavras com significados diferentes. (...) Para compreender Mia Couto é preciso ter uma boa cabeça, pois ele usa uma linguagem muito subjetiva.”

Diogo I.

“A cada conto, cada palavra escrita neste livro sentia uma emoção diferente, ora triste, ora feliz. Fez-me ainda refletir sobre os problemas sociais sofridos nos dias de hoje, como racismo, por exemplo.”

Teresa C.

“Para concluir, importa acrescentar que Mia Couto consegue entregar aos seus leitores, de uma forma simples, uma mensagem complexa que nos faz refletir sobre uma sociedade onde questões que julgávamos ultrapassadas ainda estão muito presentes.”

João Diogo G.

“Os textos são muito bem imaginados e bastante visuais, ao ponto de às vezes me esquecer de que estou a ler um livro e pensar que está a passar-se à minha frente”.

Lúisa L.